

Os pretextos hipócritas

Será para garantir a paz ao povo inglês que o Estado britânico faz a guerra em favor da neutralidade dos portos belgas? Ou será para defender a sua preponderância marítima, comercial, industrial e política?

Escreve Francis Widmar em *L'Era Nuova*, de Paterson (Estados Unidos):

«A Inglaterra, que tam amiude nos é citada como paladina desse famoso principio de nacionalidades, indo a terreiro apenas pelos lindos olhos da Bélgica, assenta solidamente o tacão dominador nas cinco partes do mundo, da Índia ao Egipto, da Austrália ao Canadá. O próprio Mediterraneo, que não é geográficamente mais mar inglês do que os canais de Marte, é pela Inglaterra governado de ponta a ponta, da ilha de Chipre a Espanha. Em suas mãos estão as chaves de, no Egipto, em Malta, em Gibraltar; e em la que trata de se apossar também das que estão nos Dardanelos, estabelecendo-se no Crescente de Ouro, se a Rússia o permitir.

«Certamente, Antuérpia é uma preciosa aquisição para a Alemanha, um pórtio de agressão, como com muita razão lhe chama Krapóikine. Mas se lo há menos Gibraltar, em território espanhol, ou a ilha de Heligoland em mar alemão, cubizada pela Inglaterra, ou aquele pórtio que os ingleses procuraram obter da Noruega recentemente, a fim de o converter em peregrina ameaça para as costas e marinha germânicas?»

Os intervencionistas italianos

Na Itália, constituiram-se «feixes revolucionários», compostos de republicanos, socialistas, sindicalistas e raríssimos anarquistas, partidários da intervenção do país em favor dos Aliados. Esses feixes reuniram-se em Milão, em 24 e 25 de Janeiro.

A neutralidade que eles combatem é a da Itália, como Estado; a intervenção que eles reclamam é a desse Estado, com o seu exército de soldados á força. A neutralidade que eles consideram culpabilidade, como a grande maioria dos revolucionários intervencionistas dos outros países, é a neutralidade oficial. Para nós, como para os nossos camaradas italianos, só seria condenável a neutralidade dos revolucionários ante um conflito entre exploradores e explorados, entre governantes e governados. E agora não somos neutrais nem cruzamos os braços, sendo contra todos os Estados e todos os militarismos. Foram acaso neutrais, cruzaram porventura os braços Liebknecht, Monatte e Sebastião Faure?

Na seu discurso aplaudido pela assembleia, De Ambris manifestou, contudo, a preocupação ansiosa mostrada também por Mussolini: que a participação na guerra seja para a monarquia uma pechincha, um meio de se salvar! E, mesmo essa a fórmula de muitos intervencionistas italianos: ou a guerra, ou a revolução. São revolucionários antimonárquicos que colaboram conscientemente na salvação da rialza!

Sobre a situação internacional, o convénio de Milão aprovou a seguinte moção:

A reunião nacional, dos Feixes reclama do Governo a imediata, pública e solene denunciação do tratado da Triplice como «início da acção autónoma da Itália no conflito internacional».

Sobre o irredentismo — a questão das regiões italianas ainda não unidas á Itália — foi aprovado o seguinte:

O Convénio nacional dos Feixes revolucionários intervencionistas, discutindo sobre o irredentismo, acha que os problemas de nacionalidade devem ser radicalmente resolvidos, não só por motivos ideais de justiça e de liberdade pelos quais os povos sujeitos devem adquirir o direito de pertencer às colectividades nacionais de que são um rebento, mas ainda porque a solução de tal problema é no interesse da revolução social, pois desobstrui o caminho de todos os elementos de confusão entre os vários elementos sociais.

Como se essa solução fosse possível em regime estatal e burguês! Na Europa, são numerosas as regiões onde as raças se entrelaçam, confundem e baralham, como nas províncias «irredentas» detidas pela Austria, onde ao lado dos ita-

lianos vivem, em não menor número, os alemães e sobretudo os croatas. E os territórios italianos detidos pela França — a Córsega, Niza e Sabóia — estão incluídos na reclamação? Só a abolição dos Estados pode resolver radicalmente o problema das nacionalidades, como mostrou Bakunine.

No discurso acima aludido, De Ambris expõe o programa de acção futura, posterior á guerra, dos Feixes: é, em resumo, a «república federal comunalista». Todos republicanos, em suma, pois os republicanos sem mais qualificativos também afirmam que a República é o primeiro passo, começando já, muito logicamente, a convidar os seus aliados a uma propaganda e acção puramente republicanas, ficando o resto para depois.

A GUERRA

Continua preocupando imensamente o espirito público — assombado neste momento por múltiplos e variados assuntos guerreiros, tais como, intencões, golpes... no estado, insurreições terríveis e sangrentas — o desenrolar demorado e incerto da presente conflagração europeia.

Dizem uns que ganham os aliados; outros aventam a hipótese de que talvez os alemães levem a melhor; e, por aqui adiante, até chegam alguns a afirmar que ganharão... ambos os contendores a ingrata e árdua tarefa.

Seja como for, o que é certo e iniludível é que já estão adubando tristemente a Terra, milhares, talvez milhões dos seus filhos, infelizes e inculcados mancoços que crime algum cometeram, que motivo nenhum provocaram para que as suas vidas fossem sacrificadas em holocausto ao génio guerreiro dum triste e vil imperador.

O que é indiscutível, é que para o cumprimento da sangrenta missão a que se propunham diversos estados, já foram despendidos, em metralha e engenhos mortíferos de assombroso poder destruidor milhões e milhões de contos, não obstante a horrenda e sempre crescente miséria existente em todas as nações.

E é significativo que até ao estalar da contenda fratricida que envergonha e dizima implacavelmente a Humanidade, os dirigentes dos povos em guerra sempre alegassem falta de recursos para a satisfação das instantes reclamações dos trabalhadores; pois, agora, mais uma vez se prova exuberantemente que não é este o motivo que justifica a falta de protecção ao proletariado, mas sim a ausencia do sentimento de estreito humanitarismo que deveria existir, abraçando todos os videntes no mais fraternal e apertado amplexo.

Dinheiro para obras meritórias de justas, não ha. Mas, para alimentar desmedidamente a loucura esvairada de sanguinarios tiranos, não falta!

E, estamos nós no século XXI! Incrível nos parece esta ideia de lembrarmos-nos da desigualdade que injustamente impera e do Crime que impunemente se pratica em nome do Progresso e da Civilização.

Mas, tarde não virá o dia em que, cheia de esplendor, desparará a redentora Aurora, no azafonso horizonte que protectoramente nos envolve!

Liôbda Janeiro 1915

José CORREA.

Palavras de Monatte

De uma carta que nos escreveu o camarada Pedro Monatte:

«A minha opinião sobre a situação encontrá-la heis no incluído texto da minha carta, de demissão da Comissão Confederal. Tinha eu, esperado que os nossos camaradas haviam de saber retomar posse de si, mas nada disso succedeu; não faziam senão enterar-se cada vez mais profundamente na acção governamental. A minha carta é como um grito de alarme lançado aos militantes esparsos; até hoje não produziu grande resultado. Creio, porém, que há-de ter posto em guarda alguns dos nossos amigos e detido a escorregadela.»

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Na Póvoa de Varzim

Realizou-se no dia 7 do corrente um comício contra a carestia da vida. Falaram os camaradas Manoel Joaquim de Souza, representante do Comité do Porto, e Costa Carvalho, os quais historiaram todos os *bas fonds* de que se servem os comerciantes para enriquecerem fabulosamente á custa dos trabalhadores; explicaram o caminho que estes deviam seguir para acabarem com estas extorsões, e apelaram para a consciencia de todos, a fim de se levar á prática um grande movimento no país, no sentido de se baratear a vida. Aprovou-se a seguinte moção:

Considerando, que a burguesia tem em seu poder as maquinas, as terras e os meios de transporte, assim como todos os produtos necessários á vida;

Considerando, que tudo isso significa o roubo aos produtores e que para a sua garantia e defesa têm os exércitos, polícia, juizes e funcionários públicos;

Considerando, que a burguesia na sua furia de ganancia, impeliu os governos e estes o povo a uma guerra monstruosa como a que presenciámos actualmente;

E considerando, que a mesma burguesia nada quer arriscar nela e que, pelo contrário, pretende que só o povo trabalhador sofra as suas consequências, pois elevam consideravelmente os preços dos géneros enquanto reduzem o salário ao operário, quando o não despedem pondo-o no meio da rua;

Considerando, que a mesma burguesia, que se encontra possuidora das casas, põe fora dos seus prédios ou cortiços o operário que por falta de trabalho ou por redução de salário, não possa pagar o aluguer de casa.

O povo da Póvoa e Vila do Conde, reunido em comício público resolve:

1.º Protestar contra a ganancia dos capitalistas, senhorios e açambarcadores, e bradar em toda a parte: *Pão e Trabalho*.

2.º Se alguém for preso por protestar contra a carestia da vida ou porque, tendo fome, vá buscar que comer a qualquer parte onde haja, a comissão local deve imediatamente reclamar a sua soltura; mas, se a autoridade a manter, a comissão deve convocar imediatamente um comício publico para deliberar o que se tiver de fazer.

3.º Quando qualquer individuo for preso pelo que fica dito, todos nós devemos alimentar a sua familia como dever de solidariedade.

4.º Caso a autoridade exerça a violencia contra quem quer que seja sobre este motivo em qualquer parte do país, tentaremos por todos os meios reagir indo até se for preciso á greve geral em todo o país, em sinal de protesto contra a fome;

5.º Participar estas resoluções aos jornais operários e ás comissões da carestia da vida e falta de trabalho, de Portugal. *Costa Carvalho*.

Em Lisboa

O Nucleo Juventude Libertária de Lisboa, prosseguindo no movimento que iniciou de reclamação e protesto contra a desmedida ganancia dos açambarcadores dos géneros, levará á prática, hoje, 21, pelas 15 horas, a 8.ª sessão, na Associação dos Tintureiros, rua do Arco a Alcantara; também effectuará na quarta-feira, 24 pelas 20 horas, a 9.ª sessão na Secção da Construção Civil de Belém. Ainda no próximo domingo, 28, realizará um comício público no largo dos Sete Mártires, sito no populoso bairro do Campo de Ourique.

Do nosso camarada Costa Canhão recebemos a carta que a seguir publicamos, visto que, nestes casos, temos sempre mantido a máxima lialdade, dando a todos os alvejados o direito de livremente se defenderem, reclamando-lhes simplesmente a discussão serena e desapassionada das coisas. Com isto temos tam sómente em vista evitar azedumes do que poderão resultar sérios desconchavos prejudiciais á nossa causa.

Presados camaradas:

No n.º 238 da nossa *Aurora*, sob o título: *Carestia da Vida*, encontrei inscrita uma local que me toca, como membro delegado da U. O. N., e como membro da comissão eleita pelas Associações de Classe, como não desejo que algum mal intencionado se lembre de me por algum «rabo de palha», venho, por este meio, participar aos camaradas, (embora digam que me piquem), que eu se não levei, como devia, até final o meu mandato foi porque me succedeu como o frade reclamante de *Moncorvo*, da secção «Caleidoscopio» do citado n.º e jornal.

Aclaremos: Na qualidade de delegado da Associação de Classe dos Carpinteiros Navais, assisti a uma reunião do Conselho Central da U. O. N., em que se nomeou uma comissão encarregada de reunir as Associações de Classe para se discutir a Carestia da Vida; para essa Comissão fui eleito juntamente com A. Vieira, Figueiredo e não me lembro se mais algum camarada; ao effectuar-se a dita reunião, pedi a palavra, e, em nome da Comissão de que fazia parte, apresentei

uma moção de ordem que foi aprovado e serviu de base a um manifesto que depois se editou e para a directriz que deveria seguir o operariado organizado, em face do problema em questão. Na mesma reunião tornei a ser eleito para a Comissão então já delegada das Associações de Classe e patrocinada pela U. O. N., juntamente com mais uns 7 ou 8 camaradas representantes de outras tantas associações; fazia parte do programa da Comissão fazer-se uma inérgica representação ao Ministro e para tal fim deliberamos reunir no Terreiro do Paço, todos, não comparecendo senão uns 2 ou 3.

Fomos procurar o Ministro (então era o Bernardino) e disseram-nos que estava a chegar; ali ficámos sentados num fôfo banco de pedra do Terreiro do Paço, esperando S. Ex.ª, que se dignou aparecer algumas horas da noite; e como vinha muito preocupado com a conflagração não nos pôde receber, pelo que nos appareceu o seu secretario que nos disse as protocolares e simpáticas frases do costume, isto é, o tal «recomendarei ao sr. Ministro»; fez-se 2.ª convocação dos membros da comissão apparecendo os mesmos que no encontro anterior, resolvendo-se o mesmo e resultando o mesmo; 3.ª, 4.ª e 5.ª convocação e... nada; sómente K. Freitas compareceu, assiduamente; para descargo da consciencia, resolvemos, ambos, cumprir o deliberado mandando a representação ao Ministro mas... registrada no correio; por esta occasião sou nomeado secretario geral da U. O. N., visto que P. de Carvalho se havia demittido. Uma vez neste cargo... tomei tanto gosto por ele que me vi obrigado a pedir a minha demissão, embarcando pouco depois, em viagem de ida e volta, para Guiné e Cabo Verde. Recenchegado agora, depara-se-me a noticia a que atraz-me referi.

Isto serve simplesmente para varrer a minha testada, pois que estando eu sempre disposto a lutar no campo das reivindicações proletárias, a ponto de me misturar com individuos adversos aos meus principios, me vejo agora obrigado a receber parte dos justissimos argumentos dos camaradas do Nucleo Juventude Libertaria, os quais, a meu ver, serviram de carapuça a todos, menos a mim, apesar de *haver-me picado*...

Fica-me da emenda para, d'hoje para o futuro, não me associar a «Reclamações Legais», mas sim, reclamar no «Campo Illegals» — *A Rua*.

Saude e Revolução Social. — *A da Costa Canhão*.

Fenix Comunista

Este grupo A. C. Revolucionário, ao constituir-se, resolveu: saudar a imprensa anarquista de todo o mundo; lavar o seu protesto contra a guerra europeia, fruto das bandalheiras e ambições burguesas, e contra os açambarcadores dos géneros alimentícios que, desumanamente negociam e enriquecem á custa da miséria, cada vez maior, do Povo; reprovam a attitude de *Germinal*, e saudar especialmente o *Agitador*, de Chaves.

Discutiu as suas bases sobre que se hade orientar em prol da ideia, e deliberou trocar correspondencia com todos os grupos do país. Nomeou tesouzeiro o camarada Máximo Justo e secretario o camarada Germinal Suvarine.

Hoje, ás 10 horas em ponto, reúne o grupo no local do costume. Espera-se que ninguém falte.

Reorganização dum sindicato

Com uma numerosa assistencia realizou-se, no passado domingo, uma bela sessão de propaganda na Associação dos Manipuladores de Fósforos, ao Beato, com o fim de reorganizar o sindicato dos Trabalhadores dos Armazens de vinhos; em missão de propaganda encontraram-se nessa localidade alguns camaradas da União Anarquista C. da Região do Sul e da Juventude Libertaria, que, após a sessão de propaganda que realizaram na Secção da Construção Civil acorreram ali fazendo uma larga sementeira dos nossos ideais. Usaram da palavra: Manuel de Abreu do Nucleo J. Libertaria, Margarida Paulo, da União das Mulheres Anarquistas, Alfredo Assis da União Local, Manuel de Campos, Bernardino dos Santos e Artur Figueira, da União A. C. da Região do Sul, que expuzeram minuciosamente as doutrinas libertarias, mostraram que só com uma completa remodelação da sociedade terminarão os males que presenciámos actualmente; e incitaram os trabalhadores a coarctar-se na foga da sua acção revolucionária, para não continuarem a ser joguete de senhores e políticos que os tentam desviar da sua emancipação integral.

Por vezes as palavras dos oradores foram cobertas por vibrantes aplausos pelos trabalhadores que enchiam o vasto salão; e no final a direcção dessa colectividade pediu aos nossos camaradas para que, com frequencia, ali effectuassem sessões de propaganda. Foi, em suma, um belo passeio em que as doutrinas anarquistas foram espalhadas.

Para combater a politica eleitoral, façamo-nos eleicoeiros e politicos. Para combater o militarismo, façamo-nos militares e militaristas; guerreiros e guerristas, para combater a guerra!

Declaração

Aparecendo por aí uma criatura mal informada ou mal intencionada, propalando por meio duma missiva, a um amigo, que em saíra do Grupo Propaganda Libertaria, do qual faço parte há bastantes anos, por não concordar com os actos do camarada Alves Pereira, membro do dito grupo, e para orientar o mal informado ou mal intencionado individuo, e quebrar os dentes á calúnia, apressome a declarar o seguinte, para os efeitos devidos:

Que de largos anos a esta parte mantenho as mais largas afinidades com esse camarada, de quem sou particular amigo, pelo seu caracter impoluto, honesto e leal; coração cheio de bondade, estando a sua bolsa sempre aberta para valer a muitos dos nossos camaradas que a sociedade lança no depauperamento da vida.

E ainda mais; estreitei os laços de amizade com Alves Pereira, por ver nele a coluna blindada da propaganda escrita do Ideal Anarquista, espalhando-a no norte de Portugal, e talvez em todo o país, ha muitos anos, orientando muitos camaradas novos e trazendo-os ás fileiras do anarquismo. Assim, desaparecendo as causas que motivaram a minha ausencia do supracitado grupo, volto, portanto, de novo a ocupar o meu lugar ao lado dos meus velhos e novos camaradas, de quem sempre recebi as mais reconhecidas provas e lialdade e consideração.

Depois de que fica exposto, peço aos que tem vontade de fazer alguma coisa pelo Ideal, que o façam, deixando-se de intrigas e calúnias, por que isso não é próprio de homens que querem fugir da educação burguesa e educar o povo numa nova moral.

Contribui, camaradas, com a vossa gota de água para o grande oceano do Ideal, e tereis, dessa forma, cumprido com o verdadeiro dever de revolucionários sociais. O campo é amplo, vasto infinito: nele todos cabem, sem ser preciso tocarem-se...

Porto, 16 de fevereiro de 1915.

SERAPIA C. LUCENA

Um congresso sindicalista

Do Diário de Notícias:
Paris, 11. — O jornal «L'Humanité» diz que o Congresso sindicalista de Parma terminou pela adopção de uma moção de confiança aos dirigentes da Bolsa de Trabalho de Parma pela sua campanha a favor da intervenção da Italia no conflito europeu. — *(Correspondente)*.

O congresso foi apenas das organizações da provincia de Parma. Nesse congresso, a moção intervencionista foi rejeitada só pelos representantes de um sexto dos organizados.

Os dirigentes da Câmara do Trabalho de Parma, muito influentes na região, tem a final mentalidade democrática e programa republicano, como o declarou D. Ambris no convénio dos «feixes» revolucionários.

Mesmo nos métodos, já De Ambris achara mais útil do que nociva e confusionalista a sua eleição como «deputado antiparlamentar» e de protesto. Depois vieram, em maio passado, as eleições municipais, nas quais os dirigentes sindicalistas de Parma, embora não oficialmente, conquistaram com o voto algumas comunas, de acordo com alguns elementos politicos e reformistas, arvorando a bandeira da «comuna livre» contra o Estado...

Para quê? 1.º Porque, não ficando a classe operária indiferente ás eleições, melhor era tirar o maior proveito desse acto e moralizá-lo; 2.º — se a Câmara do Trabalho ou, por ela, os dirigentes se desinteressassem da conquistados municípios, os socialistas levariam o operariado ás urnas e assim readquiriram prestigio e influencia entre a massa organizada...

E aí está como se mantém a influencia dos sindicalistas e a vitória do sindicalismo... de acção directa!

Para combater a politica eleitoral, façamo-nos eleicoeiros e politicos. Para combater o militarismo, façamo-nos militares e militaristas; guerreiros e guerristas, para combater a guerra!

Este mundo é uma bola!